

## **Das Cidades Criativas à Criatividade Urbana?**

### **Espaço, Criatividade e Governança na Cidade Contemporânea**

**Pedro Costa**

Dinâmia – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica / ISCTE  
*Contacto:* ISCTE – Departamento de Economia  
Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal  
Telf.: (+351) 217903007 / E-mail: [pedro.costa@iscte.pt](mailto:pedro.costa@iscte.pt)

**João Seixas**

Instituto de Ciências Sociais / Universidade de Lisboa  
*Contacto:* Rua Prof. Aníbal Bettencourt, 9, 1600-189 Lisboa, Portugal  
Telf.: (+351) 217804700 / E-mail: [jseixas@ics.ul.pt](mailto:jseixas@ics.ul.pt)

**Ana Roldão Oliveira**

Dinâmia – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica / ISCTE  
*Contacto:* Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE – Sala 2N18, Lisboa, Portugal  
Telf.: (+351) 217938638 / E-mail: [ana.roldao@iscte.pt](mailto:ana.roldao@iscte.pt)

#### ***Resumo:***

Este artigo, realizado no âmbito de um programa mais vasto de investigação que analisa as formas de governança associadas às dinâmicas criativas na cidade (projecto “Creatcity”), é o resultado de uma primeira parte empírica desse estudo, nomeadamente da análise de um conjunto de entrevistas exploratórias que foram realizadas a actores-chave no pensamento e na acção sobre a cidade contemporânea (decisores políticos, estruturas oficiais e actores da sociedade civil) nas 3 áreas metropolitanas estudadas no projecto: Lisboa (Portugal), São Paulo (Brasil) e Barcelona (Espanha).

A análise das respostas pretende identificar as diferentes perspectivas existentes sobre os conceitos de criatividade urbana e de cidade criativa e a relação entre criatividade, vitalidade e competitividade em meio urbano, procurando entender quais são, na óptica dos entrevistados, as condições estruturantes necessárias para o desenvolvimento da criatividade na cidade, no que concerne às suas configurações espaciais/geográficas, e aos ambientes culturais e actividades económicas que lhes estão associadas. Paralelamente, procura-se equacionar as formas de promover e apoiar a criatividade em espaço urbano e discutir quais as estratégias políticas e processos de governança que melhor a poderão potenciar.

#### ***Palavras-chave:***

Criatividade; Governança Urbana; Cidades Criativas; Lisboa, São Paulo; Barcelona

### **1. Introdução**

A noção de cidade criativa tem sido fortemente disseminada no mundo académico ao longo dos últimos anos, estando cada vez mais presente também nos discursos e nas esferas de actuação pública sobre os espaços urbanos, às várias escalas, desde as

grandes instituições internacionais (UE, OCDE, ONU) até aos governos locais, nos mais diversos países (para quem aliás se tem revelado particularmente atractiva). A relação entre criatividade e promoção do desenvolvimento urbano, o reconhecimento do peso e da importância das actividades culturais e criativas na promoção económica e no desenvolvimento territorial, ou a procura da competitividade pela via da captação da famigerada ‘classe criativa’ têm sido algumas das variantes mais destacadas deste interesse, traduzidas em abordagens e perspectivas múltiplas sobre esta questão (veja-se a este propósito Costa et al, 2007; Costa et al, 2008).

Apesar deste renovado interesse e de toda(s) a(s) retórica(s) em torno do papel da criatividade no desenvolvimento das cidades e das regiões, o que é facto é que a relação entre actividades culturais/criativas e território, numa perspectiva bem mais ampla, tem várias e mais remotas origens e há muito tem vindo a ser estudada (cf. Costa et al, 2008). As novas abordagens em torno das cidades criativas apenas as vieram evidenciar (o que já é bastante...) e trazer para o centro da análise e do discurso académico, mas também da prática política, onde ganharam uma grande visibilidade.

Pelo menos três grandes vertentes distintas podem ser destacadas na exploração desta relação entre criatividade e promoção do desenvolvimento urbano: (i) a ideia da necessidade de criatividade nos “instrumentos” para o desenvolvimento urbano, ou seja do desenvolvimento de ferramentas e soluções criativas associadas aos novos contextos socioeconómicos e culturais; (ii) o foco nas actividades/indústrias/sectores criativos (muitas vezes assimiladas, com maior ou menor abrangência às actividades culturais) como sendo uma base estrutural do desenvolvimento urbano, ou seja, a ideia de que as actividades “culturais e criativas”<sup>1</sup> têm um papel fundamental nas economias actuais e são uma aposta fulcral para o desenvolvimento urbano (assumindo o lugar de novo motor económico numa sociedade centrada no conhecimento, onde o valor simbólico é cada vez mais legitimado); e finalmente, (iii) a defesa da necessidade de atrair as competências criativas, ou seja, recursos humanos criativos (as classes criativas de Florida<sup>2</sup>).

Seja na vertente mais pragmática e *policy-oriented* de autores como Landry, Matarazzo, Fleming ou outros (que exerceram uma influência decisiva através de instituições como a COMEDIA, o DCMS, o NESTA ou outras, posteriormente repercutidas um pouco por

---

<sup>1</sup> Que entretanto, um pouco por todo o mundo começaram a ser identificadas e mapeadas, não sem polémica... (cf. Costa et al, 2008).

<sup>2</sup> Mas também outras perspectivas, como as novas abordagens do capital humano (de Glaeser ou outros) ou da ideia da cidade como “entertainment machine” de Terry Clark.

todo o mundo); seja no discurso mais mediatizado (mas também muito contestado e questionado na academia, não obstante a sua enorme influência) de autores como Richard Florida ou John Howkins; seja ainda através das análises mais académicas sobre cidades e criatividade e sobre indústrias culturais e criativas de autores de proveniências e áreas tão distintas como Franco Bianchini, Justin O'Connor e Derek Wynne, Andy Pratt, Klaus Kunzmann, Richard Caves, Allan Scott, Michael Storper, Peter Hall, ou Ann Markusen, entre muitos outros, estas ideias foram-se sedimentando ao longo dos anos 90, traduzindo-se numa progressiva aproximação de perspectivas e discussões havidas em campos como os da economia e da sociologia da cultura, da geografia económica, da economia industrial e da inovação, da geografia urbana, dos *cultural studies*, ou do planeamento urbano, em temas como, p.e., a actuação sobre o desenvolvimento urbano, as políticas culturais, o papel económico da cultura, a integração social pela cultura ou a multiculturalidade e o diálogo intercultural.

O reconhecimento, nos últimos anos, por múltiplos relatórios desenvolvidos por instituições internacionais (p.e., OCDE, 2005; CE/KEA, 2006; UNCTAD, 2008) veio dar uma maior visibilidade e sobretudo uma legitimação pública progressiva a estas actividades, à qual acresceu, em paralelo, uma forte divulgação de experiências de sucesso, um pouco por todo o mundo, de dinâmicas territorializadas baseadas na criatividade e actividades criativas (cf. Rato et al, 2009; Costa et al, 2008).

Entre outros factores, uma questão de fundo parece destacar-se nesta afirmação da retórica das cidades criativas face às formas mais tradicionais de pensar e actuar sobre a cidade e a cultura. A par de um nítido desconforto em relação às (insatisfatórias) formas de análise e de intervenção mais convencionais, com um carácter fortemente disciplinar e sectorializado (a actuação na cultura, no urbanismo, na economia, na inovação, na inclusão social,...), afirmava-se com o discurso das cidades criativas a possibilidade de assumir e desenhar intervenções mais transversais, que ultrapassassem as velhas dicotomias e conflitos em termos de domínios e formas de actuação (p.e., economia vs cultura; público vs privado; efémero vs permanente; local vs global). Isto (a par da grande atractividade política do tema) permitiu ensaiar soluções (políticas, institucionais, de governança) também elas criativas e inovadoras para fazer face às novas realidades urbanas e às dificuldades das formas de actuação mais tradicionais.

Mas em paralelo a esta discussão sobre as cidades criativas, o debate em torno da criatividade e dos factores que lhe estão subjacentes, em diversas áreas disciplinares prossegue também com particular dinamismo (cf. Costa et al, 2007). Uma questão

fundamental emerge aqui, com a distinção entre uma visão tradicional de criatividade como algo decorrente do génio individual (natural ou transcendental), e a visão da criatividade como um processo socialmente bem situado e marcado (na senda de contributos autores em campos tão diversos como Margaret Boden, Mihaly Csikszentmihalyi, Pierre Bourdieu, ou Allan Scott). Esta é aliás uma vertente particularmente interessante na relação entre a geração de certos ambientes ou “meios” urbanos e o seu papel fundamental no desenvolvimento da criatividade, nomeadamente em certas áreas específicas dos espaços urbanos (cf., a este propósito Scott, 2006; Costa et al, 2007; Costa 2008; mas também as abordagens com enfoque no conceito de meio inovador, como Camagni et al, 2004).

Não sendo aqui o local para aprofundar a discussão destas questões (veja-se, p.e., Costa et al, 2008, 2007; Seixas, 2008), importa no entanto ainda antes de prosseguir, marcar a distinção entre dois planos de discussão diferenciados (mas cruzados e usualmente confundidos) que têm marcado este renovado interesse pela criatividade na promoção do crescimento e do desenvolvimento territorial, nas suas diversas dimensões: um nível de análise consiste em encarar a criatividade como algo de transversal à economia e sociedade (e à vida urbana), assumindo-a como uma fonte potencial de criação de valor nas economias actuais, transversalmente a qualquer sector económico; um outro nível de análise distinto, pelo contrário, consiste (como muitas vezes tem sido feito neste ressurgir do interesse pela criatividade) em focar o olhar apenas naquilo que têm sido consideradas as actividades criativas (com maior ou menor abrangência, a partir da noção das indústrias culturais e criativas). Nestas o peso “criativo” será tradicionalmente maior, mas a criatividade naturalmente não se esgota aqui. Cada vez mais os conteúdos criativos (estéticos, simbólicos ou outros) alastram a todas as actividades e dimensões de intervenção, podendo ser também aí potenciados. Estas duas abordagens são paralelas, eventualmente complementares, mas importará termos sempre presente esta distinção ao falarmos da criatividade urbana (bem como ao tentarmos mapear os conceitos e representações acerca da multiplicidade de noções – classes/actividades/indústrias criativas/culturais - que tem florescido) para evitarmos cair nos muitos equívocos que estas noções também têm gerado...

Foi tendo em conta todo este quadro, e considerando todo este crescente interesse e potencial, a par de ainda considerável falta de clareza em torno dos diversos conceitos, perspectivas de interpretação e de acção, e mesmo das consequências e impactos decorrentes das acções sociopolíticas que têm sido desenvolvidas neste âmbito, que se

estruturou o projecto de investigação *Creatcity* (“Uma cultura de governança para a cidade criativa: vitalidade urbana e redes internacionais”)<sup>3</sup>. Este programa de investigação assenta, justamente, numa discussão sobre a criatividade urbana (e consequentemente em conceitos como o de “bairro” ou “cidade” criativa), procurando identificar formas e canais de governança que possam proporcionar estratégias de coesão e de desenvolvimento urbano assentes na criatividade<sup>4</sup>.

O desenvolvimento do projecto contempla a combinação de uma forte dimensão conceptual, com uma abordagem empírica a dinâmicas urbanas e mecanismos de governança muito concretos, centrada em diversas metodologias de recolha de informação quantitativa e qualitativa, incluindo a análise das estratégias de actuação e o desenvolvimento de 10 estudos de caso em 3 áreas metropolitanas: Lisboa (Portugal), Barcelona (Espanha) e São Paulo (Brasil).

Este artigo enquadra-se numa primeira parte deste estudo, na sua vertente mais empírica, sendo concretamente o resultado da análise de um conjunto de entrevistas exploratórias que foram realizadas a um núcleo de actores-chave no pensamento e na acção sobre a cidade contemporânea (decisores políticos, estruturas oficiais e actores da sociedade civil) destas 3 áreas metropolitanas.

A análise das respostas pretende identificar as diferentes perspectivas existentes sobre os conceitos de criatividade urbana e de cidade criativa, bem como a relação entre criatividade, vitalidade e competitividade em meio urbano, procurando perceber quais são, na óptica dos entrevistados, as condições estruturantes necessárias para o desenvolvimento da criatividade na cidade, no que concerne às suas configurações espaciais/geográficas, e aos ambientes culturais e actividades económicas que lhes estão associadas. Paralelamente, procura-se aferir as formas de promover e apoiar a

---

<sup>3</sup> Projecto desenvolvido (de 2007 a 2010) no Dinâmia/ISCTE e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT/MCTES): PTDC/AUR/65885/2006.

<sup>4</sup> Entre os principais questionamentos levantados pelo projecto destacam-se as noções associadas à Criatividade (o que é/são ‘criatividade urbana’? ‘cidade criativa’? ‘espaços criativos’? ‘actividades criativas’ / ‘indústrias criativas’?), bem como as relações entre Criatividade e Desenvolvimento Urbano (que valor acrescentado e efeitos catalisadores provoca a existência de um meio urbano criativo? quais os factores de localização ‘soft’? o que importa agora promover e apoiar para fomentar a criatividade nas regiões urbanas?), entre Criatividade e Planeamento Urbano (que graus de interligação e correlação entre criatividade urbana e competitividade; sustentabilidade; qualidade de vida e coesão social, económica, espacial; política urbana / estratégia e planeamento urbano / governança urbana), entre Criatividade e Competitividade Urbana, entre Criatividade e Internacionalização das cidades, e entre Criatividade e Governança Urbana (a principal interligação do projecto: Que estruturas e processos de governança melhor poderão potenciar a criatividade urbana? Que estruturas de criatividade para uma qualificação da própria governação? Sob que espaços e processos se poderá consolidar uma elevada sinergia no sentido da qualificação urbana – ou seja, no sentido da vitalidade, da competitividade e da sustentabilidade?).

criatividade em espaço urbano e discutir quais as estratégias políticas e processos de governança que melhor a poderão potenciar.

Após um breve enquadramento geral sobre o projecto em que esta artigo se insere (secção 2) e de uma breve descrição da metodologia que esteve na base da recolha de informação efectuada (secção 3), procede-se ao longo das secções seguintes a uma análise e interpretação crítica das opiniões recolhidas em relação a um conjunto de aspectos: a discussão dos conceitos centrais do projecto (secção 4); os lugares e as condições da criatividade na contemporaneidade (secção 5), as dimensões da mobilização e dos consensos face à criatividade urbana (secção 6) e a intervenção pública para potenciar a criatividade (secção 7); uma breve nota conclusiva (secção 8) encerra a análise com uma sistematização dos principais resultados obtidos.

## **1. O projecto Creatcity: enquadramento geral da pesquisa em curso**

A análise das percepções sobre espaços criativos, factores de criatividade e formas de governança efectuada neste artigo, a partir do conjunto de entrevistas exploratórias realizadas no âmbito do projecto Creatcity, enquadra-se necessariamente nos objectivos e na lógica de estruturação assumida para este projecto. Fará portanto sentido, antes de entrarmos na explanação desses resultados, fazermos um breve enquadramento da lógica de estruturação do projecto, que foi determinante para as opções metodológicas e conceptuais seguidas na realização destas entrevistas.

No essencial, a estrutura metodológica do projecto assenta em 6 Work-Packages (WP) analíticos principais (a que se juntam outros dois de carácter mais operacional) os quais incidem em dimensões de análise específicas, mas fortemente inter-relacionadas. O primeiro destes WP's consiste no desenvolvimento de um quadro conceptual para o estudo dos mecanismos de governança e os processos de regulação nas áreas metropolitanas e suas dinâmicas, em paralelo ao enquadramento socioeconómico e político das noções de cidade criativa. É uma dimensão fundamental da pesquisa efectuada, mobilizando aliás transversalmente a totalidade da equipa, e é o ponto de partida para as análises mais “específicas” que se aprofundam nos 4 WP's seguintes. As entrevistas exploratórias realizadas (bem como a escolha de estudos de caso a aprofundar) enraízam-se necessariamente na reflexão efectuada neste âmbito.

Com base na grelha conceptual e analítica bem como nos princípios de análise empírica definidos neste primeiro quadro, desenvolvem-se então em paralelo 4 WP's de carácter

mais temático, aprofundando um conjunto de questões que foram consideradas fundamentais para a análise da criatividade urbana e das formas de governança em que assentam as dinâmicas criativas: (i) um analisa os mecanismos que suportam a competitividade e a inserção em redes internacionais dos agentes económicos, incidindo particularmente nos conceitos de competitividade territorial, reestruturação económica e empreendedorismo; (ii) outro, por sua vez, procura equacionar o papel da criatividade e dos recursos criativos no desenvolvimento, reestruturação e competitividade urbanas, partindo da identificação das actividades e recursos criativos, particularmente no campo das actividades culturais; (iii) num outro WP, o objectivo pretendido é tentar compreender os impactos da globalização na apropriação física e social do espaço urbano, na sua vivência e suas representações, incidindo assim nas problemáticas da vida cidadina e do ambiente urbano e da forma como estes condicionam a criatividade; e, por fim, um último WP temático centra-se na questão da internacionalização da governança da cidade, das suas instituições e políticas, procurando avaliar em particular a acção institucional dos governos sub-nacionais para a promoção internacional das cidades. Qualquer destas áreas temáticas representa portanto uma vertente fundamental na componente empírica desta investigação, incluindo obviamente aqui também o conjunto de entrevistas exploratórias realizadas.

Por fim, um último WP principal, desenvolvido na sequência dos anteriores, resulta da análise das conclusões obtidas em cada um destes, e da análise dos elementos de sucesso e insucesso nas experiências e dinâmicas criativas analisadas, focando-se na questão da promoção do desenvolvimento territorial, e tendo então como objectivo a identificação de linhas estratégicas orientadoras, em termos de governança urbana, com um foco particular no caso específico da cidade de Lisboa. As entrevistas exploratórias realizadas têm aqui também um papel fundamental na percepção das dinâmicas existentes em cada uma das cidades, dos mecanismos de governança que lhe estão subjacentes, e dos factores de sucesso ou insucesso que lhe estão associados.

Naturalmente, o desenvolvimento de cada uma das dimensões incorpora uma abordagem conceptual (que permite analisar os mecanismos de governança no desenvolvimento urbano e entender algumas dinâmicas recentes associadas à criatividade, aparentemente bem sucedidas, verificadas nestas áreas urbanas) e uma avaliação com base em estudos empíricos, de mecanismos e de ferramentas de planeamento que apoiem políticas adequadas aos mais diversos modelos de governança e estratégias de desenvolvimento urbano. Para esta pesquisa empírica, na sequência das

entrevistas exploratórias aqui analisadas, e em paralelo com outro trabalho empírico (análise estatística, etc.) que está ser desenvolvido nos diversos WP's, foram definidos 10 casos de estudo, com características institucionais, morfológicas e socioculturais muito diversas, nas 3 áreas urbanas em análise, estando neste momento a ser trabalhados os resultados respectivos.

## **2. Enquadramento metodológico: as entrevistas exploratórias nas 3 cidades**

No que respeita concretamente à análise efectuada neste artigo, conforme acima foi referido, foram assim realizadas entrevistas a actores privilegiados em cada uma das 3 cidades em análise neste projecto, com o intuito de questionar e explorar o quadro conceptual definido e de o explorar empiricamente.

A escolha dos entrevistados pretendeu abarcar a diversidade de intervenientes na esfera da governança das cidades criativas: o sector público nas suas diferentes escalas (local, regional e central/federal) e áreas de intervenção (cultura, ordenamento do território, promoção do desenvolvimento); o sector privado e a vertente de associativismo e da actividade orientada por fins não lucrativos. No total, foram realizadas 22 entrevistas exploratórias nas três cidades: Lisboa (10 entrevistas), São Paulo (6) e Barcelona (6).

No conjunto das três metrópoles seleccionaram-se actores ligados à administração pública local (municípios, ayuntamentos, prefeituras), em diversas áreas de actuação ligadas ao âmbito do projecto (p.e., urbanismo, desenvolvimento social, relações externas), bem como actores institucionais (nos campos do ordenamento do território e desenvolvimento regional e da cultura) ligados aos governos respectivos (níveis central / estadual / federal) e estruturas regionais, e ainda estruturas empresariais directa ou indirectamente ligadas ao desenvolvimento urbano. Paralelamente, escolheram-se peritos de empresas de consultoria ligadas ao desenvolvimento urbano e às políticas públicas e às indústrias criativas bem como e instituições com actividade directa na produção e organização de eventos e actividades culturais. Na figura 1 pode ser consultada a listagem das entrevistas exploratórias consideradas nesta análise e o seu enquadramento.



**Figura 1: Lista de entrevistas exploratórias realizadas**

			Actuação Pública / Política	Consultoria / Academia	Produção Criativa / Cultura
<b>Lisboa</b>					
L01	Manuel Salgado	Câmara Municipal de Lisboa / Vereação Urbanismo	X		
L02	Augusto Mateus	Augusto Mateus e Associados		X	
L03	Domingos Rasteiro	Câmara Municipal de Almada / Departamento Cultura	X		
L04	Natxo Checa	Associação Zé dos Bois			X
L05	Rolando Borges Martins	Parque Expo	X		
L06	Nuno Artur Silva	Produções Fictícias			X
L07	António Fonseca Ferreira	CCDRLVT	X		
L08	Guta Moura Guedes	Experimenta Design			X
L09	Catarina Nunes	Ministério da Cultura	X		
L10	António Mendes Baptista	Secretaria Estado Ordenamento do Território	X	(X)	
<b>Barcelona</b>					
B01	Maravillas Rojo	Ajuntament de Barcelona / Agência Barcelona Activa	X		
B02	Jordi Pascual	Agenda 21 Cultura de Barcelona	X		
B03	Oriol Nel.lo	Generalitat da Catalunya	X	(X)	
B04	Santiago Errando	Associação Palo Alto			X
B05	Josep Ramoneda	CCCB			X
B06	Oriol Clos i Costa	Ajuntament de Barcelona / Departamento Urbanismo	X		
<b>São Paulo</b>					
S01	Jorge Wilhelm	Jorge Wilhelm Consultores	(X)	X	
S02	Lídia Goldenstein	Consultora Economia Criativa		X	
S03	Ana Carla Fonseca Reis	Garimpo de Soluções		X	
S04	Flávio Goldman	Prefeitura de São Paulo / Relações Internacionais	X		
S05	Bruno Feder	Empresa Regional Planejamento	X		
S06	Luis Bloch	Prefeitura de São Paulo / Secretaria de Planejamento	X		

O trabalho de campo foi realizado nas 3 cidades, em períodos distintos, entre 2008 e 2009. A entrevista semi-directiva foi gravada e tratada pela equipa do projecto, sendo explorados neste texto alguns dos resultados com ela obtidos. As entrevistas procuraram explorar particularmente alguns dos conceitos e noções base do projecto (p.e., criatividade, criatividade urbana, vitalidade urbana, bairros/comunidades criativas, competitividade urbana) e basearam-se em concreto num conjunto de questões em torno dos seguintes tópicos (veja-se o guião da entrevista exploratória no anexo 1):

- Perceber onde e sob que formas se percepção a criatividade na cidade respectiva;
- Discutir e articular as noções de criatividade, vitalidade e competitividade urbana;
- Discutir em que condições (físicas, económicas, culturais, sociais,...) melhor se poderá desenvolver a criatividade nas cidades;
- Discutir que tipo de intervenção pública poderá potenciar a criatividade;

- Sugerir potenciais estudos de caso e experiências interessantes para análise mais detalhada na sua cidade.

### **3. A discussão dos conceitos de base: vitalidade, competitividade e criatividade na Cidade**

Uma das linhas de inquirição e análise prosseguida associou-se à discussão de alguns dos conceitos estruturantes de todo o projecto e à forma como estes eram percebidos e discutidos pelos entrevistados. Pretendia-se identificar o que é que os entrevistados entendem pelos 3 conceitos principais do projecto (vitalidade, criatividade e competitividade) e a forma como analisam a relação entre estas três noções. Importava-nos, nomeadamente, aferir se estes eram entendidos como ‘estados’ ou ‘processos’ e se seriam condições verdadeiramente desejáveis para qualquer realidade ou território. Estes conceitos tinham sido alvo de discussão anterior aprofundada por parte da equipa do projecto, tendo-se estabilizado um conjunto de noções operativas (cf. Seixas, 2008, Costa et al 2007) que se confrontavam com as percepções destes agentes.

#### **a. A Vitalidade Urbana**

Num território urbano a vitalidade é essencialmente entendida como uma dimensão dinâmica, energética, de movimento. Assim, os componentes que estruturam e que produzem as “energias” urbanas são naturalmente componentes vitais para a afirmação e qualificação urbanas (Guerra et al, 2006).

Uma ‘área urbana (re)vitalizada’, pode neste quadro ser assumida (Seixas, 2008) como aquela com capacidade de gerar:

- actividades - sugerindo isto vitalidade, energia, animação, acontecimento, num determinado contexto urbano, o que exige a presença de pessoas (a residir, a trabalhar, a passar), e viabilidade e sustentabilidade ao nível do que produz e como se mantém; esta actividade pode corresponder a uma vitalidade económica (investimento na área, emprego, transacção de propriedades), social (uso do espaço público) e cultural (eventos, espectáculos);
- transacções – ou seja, trocas ao nível económico (consumo, transacção de propriedades), social (relações, compromisso e participação) e cultural (redes, trocas de informação e ideias)...), e

- (iii) diversidade - a qual pode ser económica (de actividades, estabelecimentos, habitações), social (cidade facilitadora para a expressão de um individualismo criativo) e cultural (multi-identidades, cidade tolerante)...).

As respostas dos entrevistados apontam para uma forte ligação entre criatividade e a vitalidade, associando criatividade a pressupostos de dinamismo, densidade e um grande número de eventos e acontecimentos (em especial os de pequena escala - muito mais do que os de grandes dimensões).

Esta percepção é particularmente valorizada em termos de dinâmicas territoriais específicas em certas áreas da cidade, nomeadamente na situação dos bairros culturais identificados (nomeadamente nos centros das cidades), e de operações e dinâmicas de ocupação de áreas degradadas ou abandonadas, nomeadamente industriais. Foi também notado (mas questionado) o potencial da criatividade urbana e das “actividades criativas” para a vitalização tanto de zonas extensivas actualmente abandonadas ou desactivadas (portuárias, industriais, mesmo fora do centro das cidades), bem como para as zonas mais “suburbanas” e os bairros mais “normais” e “neutros” da cidade.

## **b. A Competitividade Urbana**

O conceito de competitividade é entendido de forma relativamente lata pela equipa, não sendo assumido de forma monolítica como um conjunto de meras vantagens competitivas estáticas. A noção de competitividade territorial, em particular, tem de ser assumida como a capacidade de um espaço oferecer qualidade de vida e bem-estar aos seus “utentes” que lhe permita manter uma dinâmica de desenvolvimento sustentável face aos outros (fixando residentes, criando emprego, garantindo amenidades e qualidade de vida aos utilizadores, assegurando a sustentabilidade dos recursos, garantindo a participação e a identidade cultural, etc.).

A noção de competitividade deve ser construída, neste quadro, tendo em atenção alguns eixos fundamentais de reflexão (cf. Seixas, 2008): trata-se de um conceito complexo referenciada a um “processo” e não uma noção “simples” associada a um “estado”; pode ser referido a diferentes níveis e áreas de diagnóstico, comportamento e intervenção, tomando com referências, nomeadamente, a “empresa”, a “indústria”, o “país”, a “região”, o “bloco” regional supra-nacional; é uma noção relativa, comparativa, dinâmica que remete para um tratamento relativamente exigente do “tempo”; constitui uma variável pluridimensional resultante de processos económicos,

sociais e políticos complexos, não podendo, por isso mesmo, ser retratada por indicadores simplificados ou parcelares.

É certo que criatividade e promoção da competitividade não andarão necessariamente a par (muitas das perspectivas de promoção a competitividade não originam necessária e directamente um aumento da criatividade urbana – e vice versa). Mas uma noção mais alargada de competitividade – que inclua valores urbanos hoje em dia considerados crescentemente de base, tais como o desenvolvimento equitativo, a qualidade de vida, a sustentabilidade ecológica, a garantia da cidadania e da expressão cultural e identitária – poderá aproximar-se consideravelmente das perspectivas da criatividade urbana, gerando elementos e dinâmicas complementares.

Com efeito, no decorrer da análise das entrevistas, a competitividade (entendida de forma variável e algumas vezes ideologicamente muito marcada) não é em geral vista como uma mais-valia. Contrariamente à relação que se percebe existir entre vitalidade e criatividade, no caso da competitividade, muitas das respostas não apontam para tal relação, e defendem, nomeadamente, que a cidade competitiva não tem de ser criativa. No entanto, grande parte dos entrevistados assume que a promoção de uma cidade “criativa” promove necessariamente a sua sustentabilidade e a competitividade.

### **c. A Criatividade Urbana**

Procurou-se igualmente entender as percepções dos vários actores relativamente à multiplicidade de conceitos e dimensões (cf. Kunzmann, 2005) desenvolvidos nos anos mais recentes em torno da ideia de criatividade e da sua aplicação à cidade, e à forma como estes percepcionavam e se posicionavam face aos múltiplos debates e discussões em torno destas noções (p.e. ‘criatividade urbana’, ‘cidade criativa’, ‘espaços criativos’, ‘actividades criativas’/‘indústrias criativas’, ‘meios criativos’). Esta multiplicidade conceptual tem sido profusamente discutida pela equipa do projecto (cf. Costa et al, 2007, 2008; Costa, 2008; Seixas, 2008), partindo de noções mais latas e consensuais no meio académico (por exemplo, para Csikszentmihaly (1996), a criatividade é entendida “qualquer acto, ideia ou produto que altera um determinado estado-da-arte, ou que transforma uma dada situação, numa outra”) e equacionando os vectores fundamentais para a sua análise no espaço urbano. Como notam Costa et al (2007) importa atender às diversas dimensões questionadas por Boden (1990) - a criatividade (mais fundamental ou “incremental”) como algo de novo, inovador, e de valorizável -, sendo particularmente de destacar aqui o papel de reconhecimento social e da legitimação e

valorização social da criatividade: só se será criativo se se for reconhecido (por muitos ou por poucos, é certo...) como criativo (e muitos o foram apenas bem depois do seu tempo, como sabemos...). Este reconhecimento não é universal e é socialmente marcado e determinado e isto remete-nos para aspectos fundamentais na organização do espaço urbano e na estruturação da organização espacial das ‘actividades criativas’ (cf. Scott, 2006; Costa, 2008), em particular alguns factores associados à aglomeração e à criação de meios e ambientes específicos, fundamentais para o surgimento (e reconhecimento) da criatividade (veja-se a este propósito Costa et al, 2007; Costa, 2008).

Identificado como relativamente “recente” pela generalidade dos actores entrevistados, o conceito de (ou a preocupação com a) criatividade urbana parece-lhe estar bastante ajustado a um contexto contemporâneo, subvertendo os “sectores clássicos” e popularizando-se por isso. Corresponde à entrada de novas influências na discussão sobre a cidade e implica uma alteração e renovação no pensamento sobre o urbano.

As noções enunciadas sobre criatividade urbana são bastante distintas e adoptam diferentes pontos de vista, como será natural face à dispersão de conceitos nesta área. Para muitos dos entrevistados, a criatividade urbana é o resultado de actividades e projectos colectivos que acontecem na cidade, ou seja, corresponde ao somatório de tudo, e não apenas das grandes intervenções ou os grandes empreendimentos. Para outros, a criatividade está intrinsecamente relacionada com as pessoas (e não tanto com as cidades) e implica a participação pública nos processos sociais (chegando no caso de algumas entrevistas, sobretudo em São Paulo, a ser muito associada a uma dimensão “cultural” e identitária da população local, eventualmente ligada às necessidades permanentes de combate às dificuldades da vida quotidiana).

Noutros casos ainda, são abordadas ambas as perspectivas, assumindo-se que a criatividade se expressa precisamente pelo conjunto destas duas: uma primeira dimensão pessoal, uma segunda mais colectiva e ligada à cidade e a um planeamento colectivo (sobre isto, é referido que uma cidade melhorada atrai indivíduos e criatividade).

A aproximação do conceito de criatividade ao imaterial e intangível é também referenciada, surgindo assim uma definição mais abstracta, que não corresponde a espaços específicos nem a bairros ou zonas criativas: uma criatividade imaterial, leve, flexível, fora de um sistema, associada a comportamentos ou campos de acção. Por seu lado, um outro tipo de respostas define o conceito através dos sectores em que se

expressa: na inovação da indústria e nas empresas, na investigação científica, na tecnologia ou na educação. Mais imediata e frequente ainda é a clara ligação da criatividade à cultura e à arte (embora não assumida em geral como exclusiva). Por fim, alguns entrevistados remetem para a sua multidimensionalidade (urbana, comercial, artística,...), tentando apelar para a necessidade de cruzamento entre estas dimensões.

Na prática, em paralelo a uma certa desconfiança em relação à forma como a retórica das cidades criativas tem sido lançada nalguns países e situações, percebe-se em geral um desconforto com a excessiva colagem às etiquetas de actividades “culturais” e mesmo “criativas (em sentido mais amplo)” e uma necessidade de identificar criatividade urbana com algo de transversal à sociedade e à economia actual (remetendo para novas formas de actuar, produzir, organizar, intervir, consumir), e portanto também transversal à cidade e à actuação pública que sobre ela se pode desenhar.

#### **4. O(s) lugar(es) da criatividade na cidade contemporânea**

Após diversas décadas de uma tendência quase unívoca de expansão urbana, por efeitos de metropolização contínua, sucede hoje em dia uma simultaneidade de pelo menos duas grandes tendências de produção e de reprodução urbana: por um lado consolidam-se movimentos de requalificação e mesmo de revitalização das malhas urbanas clássicas e consolidadas até meados do século XX; e em simultâneo, prosseguem os movimentos de ‘emergência urbana’ e de contínua metropolização, sob novas formas, estruturadas cada vez mais por efeitos de tempos (de vida, de consumos, de produção) que de espaço (embora continuando a alterar este de forma intensa). Afirmam-se assim meta-estruturas espacio-temporais, onde os comportamentos das velhas variáveis-chave de localização preferencial se estendem de forma cada vez mais espectral e relativizante (Storper e Manville, 2006).

Efectivamente, as teorias (e as práticas) das escolhas urbanas, para famílias e empresas – e que, supostamente, precedem as teorias (e as práticas) de produção urbana – são hoje muito diferentes. Diversas questões se colocam: Serão coincidentes (ou pelo menos, próximos) os pressupostos teóricos para por um lado as escolhas urbanas inerentes aos movimentos de revitalização, e por outro para os movimentos de contínua metropolização de escala regional? Como desenvolver entendimentos mais sistémicos para o desenvolvimento urbano presente – entendimentos que permitam apoiar uma melhor interpretação das actuais dinâmicas de evolução das metápoles como um todo?

E, nesse sentido, como melhor construir e apoiar novas e influentes políticas para as cidades de hoje, para as suas necessidades e oportunidades? E, no que aqui mais nos concerne, que efectivos lugares epistemológicos, condicionantes e/ou catalizantes, para a criatividade, perante a cidade?

Florida (2002) aponta que as prioridades das políticas urbanas deverão passar, sobretudo, pela qualificação (ou mesmo excelência) da vida urbana, pelo menos em certos e determinados bairros (os ‘centros criativos’) por forma a que o capital criativo deseje viver (mais do que trabalhar) em tais locais. Defende, assim, uma expansão da diversidade e da tolerância na cidade; uma correspondente qualificação dos ambientes e das amenidades urbanísticas, culturais e sociais. Esta é uma visão essencialmente ‘competitiva’ das cidades, estruturada sobretudo em função da qualificação urbana de alto nível – e ainda, em função da qualidade da interligação habitat – trabalho, crendo por conseguinte em poderosos efeitos catalisadores para as restantes áreas urbanas da meta-cidade, por via os chamados novos três T’s: tecnologia, talento, tolerância.

Mas esta perspectiva coloca diversas dúvidas, se não mesmo oposição. Por um lado, pela ideia de priorização política (e conseqüente secundarização de outros sectores) para o desenvolvimento de meios urbanos de alta qualidade. Colocam-se diversas dúvidas sobre se a presença de ‘classes criativas’ num determinado entorno urbano, induz necessariamente um desenvolvimento socioeconómico de médio ou largo espectro. Por outro lado, e embora Florida pressuponha uma redução ao máximo de ‘barreiras à entrada’ (ou um ‘liberalismo’ sócio-urbano) nos mais diversos espaços da cidade (incluindo os prioritariamente eleitos como mais criativos) os efeitos reais e simbólicos de novos tipos de pressões, nas respectivas rendas urbanas, dificultam em importante medida a democratização dos acessos e das oportunidades. O próprio autor tem dúvidas, face a um possível aumento das desigualdades sócio-espaciais – num período médio-longo que, em certa medida, compara às primeiras décadas do anterior paradigma industrial.

Investigação empírica consideravelmente recente parece comprovar que, em diversas cidades europeias, os bairros mais criativos estão consideravelmente conectados com uma considerável variedade social e funcional. Porém, ao fim de um determinado período começam a sofrer pressões de localização, por efeitos de aumento do seu capital simbólico, afirmando-se paulatinamente uma tendência ‘gentrificadora’, ou de aumento da segregação socio-económica (Musterd e Sako, 2006).

É nestes âmbitos que, face à questão colocada nas entrevistas exploratórias – *Como se sente e onde se vê, hoje, a criatividade numa cidade, e em particular, na sua cidade-metrópole* – as respostas se tenham dirigido, desde logo, pelas diferentes perspectivas (de cada entrevistado) face ao tipo de agentes, de lugares e de tempos que surgem mais possíveis, mais estimulantes e mais catalizantes nos âmbitos da criatividade na cidade de hoje; e, ainda face à própria sustentabilidade espacio-temporal das actividades criativas urbanas referidas.

Três tipologias de posicionamento foram identificadas, na análise das respostas a esta primeira questão, as quais denominámos de cepticismo, positivismo objectivo e positivismo substantivo:

- 1. Cepticismo:** A criatividade não é nem deve ser dimensão especialmente relevante de análise e de política urbana;
- 2. Positivismo Objectivo:** A criatividade deve ser uma dimensão relevante nas políticas urbanas de hoje. Enfoque principal na existência de espaços e locais físicos concretos – muito nomeadamente, nas centralidades urbanas e históricas, e em zonas pós-industriais e expectantes, face à disponibilidade de espaços, com valores de renda inferiores às médias;
- 3. Positivismo Substantivo:** A criatividade deve ser uma dimensão relevante nas políticas urbanas de hoje. Enfoque principal nos processos sociais, económicos e culturais da sociedade urbana – quer nos âmbitos da educação, do conhecimento e da investigação em Ciência e Tecnologia, quer em projectos culturais e sociais (normalmente de pequena e de média escala).

Na identificação de exemplos concretos de territórios, instituições e projectos de criatividade urbana, e face às respostas obtidas pelo painel de entrevistados, desenvolveu-se igualmente um padrão tipológico (figura 2).

Destacam-se os principais elementos de diferenciação e de justificação para o papel de dimensões primordiais nos panoramas de criatividade urbana:

1. Os bairros criativos são valorizados pelo seu elevado capital simbólico, pela forte componente cultural, e ainda pelas vertentes do turismo e da boémia (Florida, 2000). Sem margem para qualquer dúvida, os casos do Bairro Alto, de Grácia ou da Vila Madalena, são exemplos paradigmáticos;



## Figura 2: Tipologias de Espaços e Processos Primordiais de Criatividade Urbana

(de acordo com as entrevistas realizadas nas 3 cidade)

	<b>Lisboa</b>	<b>Barcelona</b>	<b>São Paulo</b>
<b>1. Bairros Criativos</b>	Bairro Alto / Bica Chiado	Bairro de Gràcia Bairro do Raval	Vila Madalena
<b>2. Espaços Alternativos / Emergentes</b>	Martim Moniz Braço de Prata	Bairro de Roquetes	
<b>3. Territórios e Instituições Sócio-Culturais e de Conhecimento</b>	Cidade Universitária F.C.Gulbenkian Centro Cultural de Belém C.M.Oeiras	UAB CCCB MACBA	Rede SESC USP BNDES
<b>4. Investimentos Urbanos de Larga Escala</b>	Alcântara Parque das Nações Eixo A5 Arco Ribeirinho sul	Projecto 22@	Bom Retiro / Luz Cidade Itauí
<b>5. Projectos Sociais e Culturais de Gênese Local</b>	Santos Design District Ass. Pais Telheiras Comp. Teatro Almada Zé dos Bois, Chapitô LX Factory Experimenta Design Luzboa, Doclisboa	Festival Sonar Ateneo Palo Alto	Rede CEU Mov. Nossa São Paulo Fashion Week
<b>6. Classes Sociais e/ou Profissionais</b>	Artistas Contemporâneos Arquitectos, Designers Investigadores C&T	Artistas Contemporâneos Arquitectos, Designers	Artistas Contemporâneos Classes Pobres Agentes Empresariais

2. Os espaços alternativos / emergentes são ocupados por classes sociais ou grupos que detêm uma elevada diferenciação (artistas, emigrantes), e na grande maioria das situações existem em espaços e dimensões intersticiais da cidade institucional e urbanística, com rendas baixas. Estes espaços e estes grupos têm tido em crescente interesse, inclusive por parte dos governos locais, face ao reconhecimento da diferenciação cultural como elemento que vincula muitas vezes um elevado capital criativo;

3. As instituições de cultura e conhecimento aliam, na maioria das vezes, uma forte capacidade institucional com consideráveis recursos económicos e humanos – tal é o caso de fundações culturais de renome (como a Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, ou o CCCB em Barcelona); de reputadas instituições universitárias, com um importante corpo de investigação e docência (como a UAB), ou de instituições sócio-culturais fortemente implantadas nas estruturas urbanas (como é o caso dos diversos SESC, em São Paulo);

4. Com forte linha política desde há pelo menos duas décadas (Borja e Castells, 1997, Jessop, 2002), os investimentos urbanos de larga escala envolvem um estatuto de prioridade política, uma forte visibilidade social e simbólica, e ainda uma perspectiva de meta-viviência geográfica, face a estratégias de escala regional. Do fortemente

publicitado *Projecto 22@* em Barcelona, à *Cidade Itaú* em São Paulo, são projectos de largo espectro que implicam uma importante marca nas dinâmicas urbanas das respectivas metrópoles;

5. Os múltiplos projectos sociais e culturais de génese local, e que emergem pelas mais diversas malhas urbanas, são quase exclusivamente de origem privada ou ainda comunitária/associativa. Tal como em relação aos espaços expectantes da cidade – muitas vezes construindo a sua própria ocupação – são projectos desenvolvidos por grupos ou associações da mais variada ordem, embora demonstrando elevado potencial de diferenciação e de criatividade. Incluem-se aqui desde projectos de qualificação à escala de um bairro (da afirmação simbólico-cultural do Santos Design District à criatividade sócio-educativa da Associação de Pais de Telheiras, em Lisboa), até à escala da grande cidade (como o movimento de intervenção cívica Nossa São Paulo); e naturalmente os mais variados projectos de criação e divulgação artística (da Experimenta Design em Lisboa ao Festival Sonar em Barcelona);

6. As classes sociais e profissionais mais ligadas à criatividade são muito próximas das tipologizações profissional recentemente definidas neste campo (cf. Costa et al, 2008), embora os entrevistados de São Paulo tenham colocado uma interessante ênfase nas classes mais pobres e ainda nos agentes económicos / empresários – ambos referidos pelo facto de a sua própria sobrevivência depender, antes de tudo, da sua capacidade criativa.

Como acima referido, e prosseguindo as metodologias previstas no programa de investigação em curso, foram escolhidas 10 destas situações de prioridade criativa nas cidades, para detalhados estudos de caso<sup>5</sup>, de forma a aprofundar as análises e hipóteses abertas nestes nossos âmbitos.

A referência, por parte dos entrevistados, dos diferentes tipos de espaços e de processos primordiais para a criatividade urbana na cidade contemporânea, baseou-se

---

<sup>5</sup> Os dez estudos de caso, presentemente em desenvolvimento, repartem-se da seguinte forma:

a) Quatro estudos de caso em Lisboa – um bairro criativo (Bairro Alto / Chiado); uma zona pós-industrial (Alcântara) envolvendo projectos culturais de média escala, e a perspectiva de prioridade política de larga escala; uma zona histórica e alternativa/expectante da cidade, com forte multiculturalidade e diversidade étnica e cultural (Martim Moniz); e ainda, a zona do centro de Almada, com dinâmicas interessantes face à sua condição semi-periférica;

b) Três estudos de caso em Barcelona – um bairro criativo (Grácia); uma grande operação de requalificação urbana, associada às novas tecnologias e actividades criativas (o projecto 22@); e um projecto social e cultural desenvolvido por um colectivo de agentes criativos, inserido num espaço industrial abandonado (Associação Palo Alto);

c) Três estudos de caso em São Paulo – um bairro criativo (Vila Madalena); um projecto cultural e económico, já com importante lugar no panorama simbólico da cidade (a Fashion Week); e uma instituição sócio-cultural em rede, com importante papel de inserção e de emancipação das populações (o SESC – São Paulo).

evidentemente em determinadas linhas de pressupostos. Sistematizaram-se estas linhas sob uma perspectiva metabólica, de ordem similar às propostas interpretativas de Ferrão (2003) e Seixas (2006) para o entendimento da cidade como um elemento ecossistémico, com âmbitos de espaços e de paisagens (o *corpo* da cidade), de redes e de fluxos (o *sangue* da cidade), e de cultura e de cosmopolitismo (a *alma* da cidade). Também aqui foi relativamente simples estruturar uma tipologia dos tipos de cidade perspectivados, base para a cenarização da criatividade urbana pensada e sugerida por cada um dos entrevistados: a) a cidade compacta; b) a meta-cidade informacional; c) a cidade cultural; d) a cidade intercultural (cf. Figura 3).

**Figura 3: Eco-Sistémica da Criatividade Urbana**

(de acordo com as entrevistas realizadas nas 3 cidades)

<b>Tipos de cidade</b>	<b>Compacta</b>	<b>Meta-cidade Informacional</b>	<b>Cultural</b>	<b>Intercultural</b>
<b>Espaços e Paisagens</b>	Bairros Criativos, Espaços em requalificação e emergentes	Universidades e Parques Tecnológicos, Investimentos de Larga escala	Espaços imaginários e ficcionais, Projectos de génese local	Espaços multifuncionais e heterogéneos, Projectos de génese local
<b>Redes e Fluxos</b>	Quotidianos Sociais Proximidade	Conhecimento Inovação Talento Tecnologia	Conhecimento Inovação Talento Tecnologia	Diversidade Quotidianos Sociais Experimentação Tolerância
<b>Cultura e Cosmopolitismo</b>	Diversidade	Singularidade	Singularidade	Diversidade

O tipo de cidade mais referido dirige-se para a perspectiva da cidade compacta, a deter condições para uma vivência quotidiana em espaços de proximidade e de óptima mobilidade, possibilitando assim uma maior convivência social e dinâmicas de grupo (nomeadamente, entre diferentes) catalisando-se os cruzamentos, as trocas e as oportunidades. Estas são as perspectivas que mais destacam os bairros criativos, bem como os espaços emergentes – quer pós-industriais, quer pós-habitacionais (abandonados), normalmente em zonas consideravelmente centrais da respectiva metrópole. Destaca-se a relevância do contacto pessoal, para o “cruzar de fronteiras que permita que a criatividade se replique e se expanda” (como referiu um dos entrevistados). Embora baseada nas relações sociais, esta perspectiva incide na relevância da compacidade e da proximidade urbana. A diversidade social e económica é uma das condições estruturantes mais referidas, salientando-se a necessidade de coexistência de diferentes tipos de espaços, funcionalidades e tipologias urbanas. Outras

condições sugeridas realçam a importância de uma arquitectura que estimule e inquiete, e a existência, nestes âmbitos, de elementos que marquem e que influenciem. Pressupõe-se a existência de um problema/tensão ou de uma oportunidade – sendo que, neste sentido, um bairro “normal” pode não ter nem grandes problemas nem grandes oportunidades. Finalmente, a condição mais essencial coloca-se na diferença (“a banalização é a anti-cidade, os lugares comuns empobrecem a ficção urbana” referiu outro entrevistado).

A meta-cidade informacional é menos referida pelos agentes de ordem mais cultural, mas em contrapartida é muito evidenciada pelos agentes mais económicos e/ou institucionais. Para estes, as componentes do conhecimento, da ciência e da tecnologia são os maiores motores para a sinergia de intercâmbios e para a criatividade na cidade contemporânea. Em simultâneo, são enaltecidos os sectores e os clusters com maiores potencialidades no âmbito das tecnologias de ponta e da inovação. Foi referida a relevância da diferenciação nos modelos de consumo e de produção e, nesse sentido, a necessidade de aposta na singularidade e diversidade dos modelos de produção e de design de produtos e de serviços. Estas são perspectivas que não deixam de pressupor determinados elementos urbano-espaciais, muito nomeadamente a necessidade de elevados padrões de conexão quotidiana na meta-polis em permanente estruturação.

A perspectiva da cidade cultural entende que tão ou mais importante que a cidade física e social, será a cidade intangível. A cidade ficcional e imaginada, a cidade dos sonhos e dos afectos. Uma cidade invisível, mas que é a grande estruturadora da construção de histórias, pela singularidade das experiências – e experimentações – de cada agente criativo. Neste sentido, são vitais os âmbitos orgânicos, no desenvolvimento das mais variadas dinâmicas e projectos, muito nomeadamente de âmbito social e cultural, e essencialmente de génese à escala mais local. Como referiu um dos entrevistados, “uma cidade será tanto mais rica quanto mais diversidade de ficções poder ter. A riqueza da cidade é e será a memória das pessoas e o seu eterno reavivar e retransformar, numa perspectiva de vivência sobretudo emocional”.

A perspectiva da cidade intercultural invoca ambientes de diversidade e de tolerância, que propiciem assim a exponenciação da criatividade pelo confronto com a assimetria e a diferença – incluindo a diferença económica e social. Sugere-se um muito menor controlo ou mesmo planeamento, preferindo-se mesmo ambientes de uma certa instabilidade e desorganização. A incerteza e a tensão, criadas através da existência de elementos que inquietem, surgem como motores capazes de criar oportunidades para o

desenvolvimento da criatividade, e de dinâmicas e processos que propiciem novos conhecimentos.

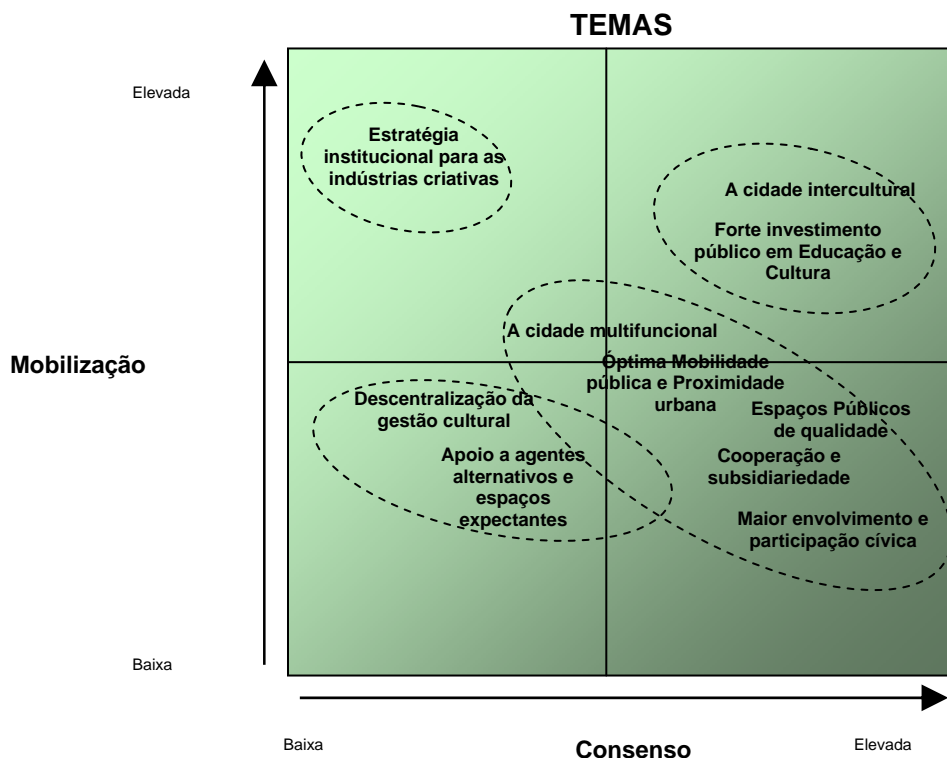
## 5. Mobilização e consensos face à criatividade urbana

É um facto inegável que a relação entre criatividade e desenvolvimento urbano contempla um debate de crescente intensidade desde pelo menos o início desta década (Scott, 2006). Não obstante, existem ainda “*vastos campos a necessitar de maior debate, esclarecimentos e mesmo de novas abordagens*” – frase particularmente pertinente, face às fortes mutações paradigmáticas presentemente em curso. Scott, justamente, levanta diversas perspectivas para o aprofundamento destes debates, quer relativamente a novos e potencialmente promissores campos de interpretação e de percepção da criatividade urbana, quer relativamente aos tipos de processos e de estruturas económicas, sociais e geográficas mais relevantes e/ou necessárias para a melhor expansão e consolidação da criatividade como factor de “qualificação do local”. É face a esta ordem de novas aberturas e de novos questionamentos, que se procurou aprofundar, face às três metrópoles em análise, não só o tipo de espaços e de agentes classificados pelos entrevistados como de maior potencial (veja-se a secção 5), mas ainda uma perspectiva de *temáticas* (ou melhor, de panorama de *estruturas* e de *processos*) sociais, económicas, culturais e evidentemente políticas, mais vitais para uma vitalidade criativa nos múltiplos e variados tipos de “meios” e de configurações espaciais e geográficas da cidade.

Nesse sentido, e face às propostas de temáticas mais vitais, a equipa do projecto desenvolveu posteriormente um exercício mais integrado, de ordem mais qualitativa e comparativa – seguindo, nomeadamente, metodologias similares às propostas pela reconhecida análise prospectiva e estratégica de actores (Godet, 1993) – aviltando-se assim dos graus de consenso (em primeiro lugar) e de mobilização (em segundo), perante as diferentes dimensões referidas e enfatizadas, e face ao conjunto dos entrevistados nas 3 cidades/metrópoles (cf. Figura 4).

**Figura 4: Temas Vitais para a Criatividade Urbana – Graus de Mobilização e de Consenso**

De acordo com as entrevistas exploratórias desenvolvidas em Lisboa, Barcelona e São Paulo



Os resultados revelam um espectro muito interessante de perspectivas de mobilização e de consenso:

- i. Existem dimensões que, embora referidas por diversos entrevistados, não colhem fácil consenso – muito nomeadamente, o apoio a agentes e a espaços alternativos de criatividade, bem como a necessidade de uma efectiva descentralização da gestão e da programação cultural na cidade;
- ii. Por outro lado, tendo havido uma elevada ênfase por determinados entrevistados – nomeadamente em São Paulo e (nas 3 cidades) nos agentes de ordem mais económica – à necessidade de se construir uma estratégia própria para as indústrias criativas, ou mesmo a criação de organismos públicos ou para-públicos dirigidos explicitamente para o desenvolvimento das indústrias criativas nas cidades<sup>6</sup>. No entanto, esta ênfase detém um consenso consideravelmente reduzido;
- iii. As dimensões mais ligadas à disponibilização de condições de boa qualidade de vida à generalidade das sociedades urbanas (espaços públicos de qualidade, boa mobilidade pública, multifuncionalidade, maior participação) detém um considerável

<sup>6</sup> A exemplo das CIDA's britânicas (Cultural Industries Development Agencies).

consenso, bem menor mostra ser o grau de mobilização – pelo menos, do espectro global dos agentes entrevistados – para tais temáticas consideradas vitais;

- iv. Finalmente, a questão da inter-culturalidade, e a perspectiva de maior investimento nas dimensões educativa e cultural, mereceu grande consenso por parte de praticamente todos os entrevistados. Embora os correspondentes graus de mobilização não correspondam de ordem similar a tal consenso, estes não deixam de ser superiores aos mais ligados às dimensões especificamente mais urbanas (referidas na alínea anterior).

## **6. Governança e Criatividade na Cidade**

Charles Landry perguntava, em 2003, qual o lugar da criatividade (um lugar epistemológico, antes de mais) nas possíveis (re)estruturações interpretativas, sócio-culturais e, conseqüentemente, políticas, em torno da cidade. O primeiro confronto entre política e criatividade parece mostrar, de forma consideravelmente vincada, como a grande maioria das estruturas de governo e de planeamento, se encontram demasiado estáticas e auto-complacentes para se permitirem, a elas próprias, grandes doses de criatividade na forma como actuam e como governam as suas próprias urbes. Este é um panorama, no entanto, que paulatinamente se altera quando nos contextos globais da governação e do planeamento, conseguem entrar (e ter capacidade para influenciar) actores e profissionais mais criativos. Kunzmann (2003), justamente, desenvolve uma lista de ‘actores criativos’ para os processos de gestão e de governação nas cidades: desde líder políticos que desenvolvem novas visões, a planeadores imaginativos, a *think tanks* de investigadores independentes, a artistas, a imigrantes, a jornalistas.

Nesse sentido, mostram ser necessários: em primeiro lugar, projectos e processos catalisadores de governança, de cooperação e de inovação colectiva; e em segundo lugar a instalação ou enaltecimento de ‘meios’ onde os actores criativos possam ganhar ‘inspiração’ e ‘motivação’ para a sua acção. A indução de criatividade no governo e administração da cidade, implica não só uma perspectiva de longo prazo, como uma perspectiva de transformação da própria política na cidade.

Justamente por estas perspectivas, a governança urbana parece mostrar-se veículo particularmente estimulante para a disseminação da criatividade na cidade. O que não significa uma correlação completamente linear, bem entendido – Healey (2004) sugere que não existirá uma relação absolutamente directa entre criatividade urbana e

governança urbana criativa, ou entre inovação na cidade e inovação na política da cidade. Mas não deixa de referir que existem importantes potencialidades de influência. Diversas perguntas se abrem, por conseguinte. Que estruturas e processos de governança melhor poderão potenciar a criatividade urbana? Que estruturas e dinâmicas inerentes à política na cidade (em termos públicos, cívicos, colectivos) potenciadoras de uma boa e democrática interligação entre a política e a criatividade na cidade? Que estruturas de criatividade para uma qualificação da própria governação? Sob que espaços e processos de ambas se poderá consolidar uma elevada sinergia no sentido da qualificação (isto é, no sentido da vitalidade, da competitividade e da sustentabilidade) urbana?

Como sabemos, o debate em torno da governança urbana tem tido um crescente relevo em múltiplos areópagos. Por um lado, pelo seu enfoque nas formas de conjugação entre os actores sociais, entre diferentes culturas e dinâmicas, no sentido da construção e responsabilização para objectivos comuns. Por outro lado, pela atenção à construção de processos de cooperação e de formas de condução política e cultural mais plurais. Este potencial tem feito com que o conceito de governança urbana tenha sido, em significativa medida, apropriado não só por teóricos da acção colectiva, mas também por diversos círculos culturais, políticos e mesmo administrativos, tendo mesmo já entrado em muita da semiótica discursiva, justificando a existência ou a alteração de determinadas estruturas. Uma situação que em simultâneo tem trazido, sem surpresas, um aumento da dubiedade na materialização do conceito, perante a abertura de perspectivas e de justificações substancialmente distintas umas das outras (Seixas, 2007). Não obstante todas estas atenções, o potencial da governança urbana como veículo catalisador da criatividade sugere-nos o enunciar dos seus possíveis e múltiplos vectores (Seixas, id.), como pode ser visto na figura 5.

Estas diferentes possibilidades podem ser hard ou soft, e a sua consolidação decerto se baseará nas culturas, normas, práticas e processos de cada local. Na tabela apresentada na figura 6 colocam-se as perspectivas dos entrevistados, face aos racionais de política local, face à criatividade urbana.



**Figura 5: Vectores da governança urbana como catalizadores de criatividade**

Vectores de debate conjunto	Disseminação de informação	– Assumindo o pressuposto de que a existência e ampla divulgação de informação e de conhecimento (incluindo, evidentemente, o conhecimento científico) é um dos mais importantes vectores de transparência democrática, de inclusão socio-política e, no fundo, de co-responsabilização.
	Fóruns e workshops de debate	Instrumentos de participação de determinados agentes representantes de interesses concretos e/ou da sociedade civil em geral;
	Envolvimento cívico participativo	Desenvolvimento de instrumentos de participação dos agentes da sociedade civil nos processos de reflexão e de decisão política na cidade;
Vectores de estratégia conjunta	Construção conjunta de estratégias colectivas	Processos e espaços de discussão, de concertação e de contratualização entre diferentes actores, envolvendo-os em co-responsabilização para um projecto colectivo
	Envolvimento cívico deliberativo	Fomento da co-responsabilização social, e do aumento dos graus de motivação cultural para o envolvimento social nas próprias decisões políticas;
Vectores de administração e de responsabilização conjunta	Processos de descentralização e de reformulação de competências	Reconfigurando responsabilidades a diferentes níveis, do metropolitano/regional, ao da comunidade/bairro;
	Cooperação vertical (público-público) –	Aprofundando acções baseadas nos princípios da subsidiariedade e da reciprocidade entre os diferentes níveis da administração;
	Cooperação horizontal (público-público)	Ampliando as políticas e acções de co-responsabilidade horizontal, especialmente aos níveis mais locais;
	Cooperação externa e internacional	Expansão de iniciativas de interrelação e de acção conjunta entre agentes públicos e privados de territórios e de cidades diferentes;
	Parcerias público-privadas	Desenvolvimento de projectos e acções de trabalho conjunto entre o sector público e o sector privado;
	Processos de avaliação –	Existência de linhas de questionamento e de análise crítica de natureza independente (e de preferência científica), no sentido de uma efectiva valoração e responsabilização das acções

## 7. Nota conclusiva

Pretendeu-se com este artigo analisar, com base nas entrevistas exploratórias efectuadas no âmbito do projecto Creatcity em Lisboa, Barcelona e São Paulo, as diferentes perspectivas existentes sobre os conceitos de criatividade urbana e de cidade criativa, bem como a relação entre criatividade, vitalidade e competitividade em meio urbano, procurando entender quais as condições estruturantes necessárias para o desenvolvimento da criatividade na cidade, e discutir as estratégias políticas e os processos de governança que melhor poderão potenciar a criatividade em espaço urbano.

**Figura 6: Racionais de Política Local face à Criatividade Urbana**

	<b>Positivismo Objectivo: Urbanismo</b>	<b>Positivismo Objectivo: Ciências Sociais</b>	<b>Positivismo Substantivo: Espaços e Paisagens</b>	<b>Positivismo Substantivo: Fluxos e Cosmopolitismo</b>
<b>Estruturas Institucionais</b>	Descentralização/ Participação pública	Não regulação em excesso/ Auto- regulação	Integração sectorial / articulação entre actores públicos e privados	Definição de estratégias
<b>Instrumentos de Estratégia</b>	Urbanismo	Percepções	Planeamento Urbano	Estratégias para a Cultura
<b>Escola de Planeamento Urbano</b>	Cidades compactas	Espaços públicos	Multifuncionalidade	Criação de espaços de experimentação
<b>Sectores de Prioridade Política</b>	Habitação e Espaços Públicos / Educação e Investigação	Cultura	Habitação e Espaços Públicos	Cultura
<b>Lógicas Económicas</b>	Produção	Consumo	Produção e Consumo	Produção e Consumo
<b>Capital Sócio- Cultural na Cidade</b>	Bairros	Identidade Associativismo	Bairros Cidadania	Vitalidade Social e Cultural Cidadania
<b>Redes e Instrumentos de Governança</b>	Parcerias	Parcerias Estratégias Descentralização	Descentralização	Informação Descentralização Processos Participativos e Deliberativos

Naturalmente desde logo se destaca a necessidade de aprofundamento das análises aqui prosseguidas e de apreciações mais aprofundadas, no âmbito do desenvolvimento dos trabalhos deste programa de investigação. No entanto, não queremos deixar de fazer notar um conjunto de três observações que desde já se nos afiguram como fundamentais com base nos resultados aqui apresentados e discutidos.

Uma primeira ideia a destacar relaciona-se com o potencial da dimensão da ‘criatividade urbana’ para o desenvolvimento urbano, sob o prisma dos novos paradigmas de análise e intervenção sobre a cidade. Independentemente de, como bem nota Peter Hall, a cidade desde sempre ter sido o centro da criatividade ao longo da História, por exemplo, as novas utilizações dos antigos espaços industriais das cidades ocidentais (Hall, 2000), transformando-as numa Fénix renascendo das cinzas da manufactura tradicional (Hutton, 2009), constituem (a par de muitas outras dinâmicas fortemente territorializadas baseadas na criatividade) uma oportunidade impar para criar e aproveitar novas sinergias e vantagens no desenvolvimento urbano, associando-se a novas oportunidades económicas e novas formas de emancipação social e expansão cultural. A criatividade, factor-chave para o desenvolvimento e a criação de valor nas economias actuais, transversal a todas as actividades e práticas sociais (das culturais e

mais “criativas” a todas as outras), tem um potencial que pode ser explorado a nível local, numa lógica de promoção da vitalidade e competitividade urbanas, que pode ser muito interessante na dinamização sustentável das diversas dimensões do desenvolvimento urbano (eficiência económica, equidade social, qualidade ambiental, participação cívica e expressão identitária e cultural), e substituindo-se a lógicas de actuação mais redutoras, muitas vezes centradas meramente na exploração de vantagens competitivas de curto prazo.

No entanto, todo o interesse e retórica em torno da criatividade e do seu potencial para o desenvolvimento urbano tem também perigos, e uma segunda ideia de fundo que não gostaríamos de deixar de destacar associa-se a todas as dúvidas e incertezas que ainda existem neste campo. Com efeito, como nota Evans, importantes incertezas provêm das ainda “frágeis fundações sobre as quais se têm baseado as políticas de fomento das indústrias criativas e as perspectivas de crescimento criativo das cidades, bem como de conceitos difusos de classe criativa, inovação, processos e benefícios dos clusters” (Evans, 2009, p. 1032). Isto não obstará no entanto a que, perante os novos dilemas de desenvolvimento das cidades, agora enquadrados por uma nova e visivelmente profunda crise económica e social, e perante a falta de opções e de estratégias consistentes e alternativas, esta seja indubitavelmente uma orientação cultural e política cada vez mais consistente. Importará no entanto ter atenção a questionamentos e incertezas em diversos campos, que importa continuar a discutir e debater, entre os quais desde já destacamos os seguintes:

- Qual o lugar das políticas de fomento da criatividade na cidade, no cômputo global das políticas urbanas. Quais as suas prioridades?
- Trará ele mais virtudes ou mais riscos para as cidades? Como nota Hutton (2009) as cidades são colocadas perante um desafio com duas grandes hipóteses: ou uma regeneração urbana bem sucedida, exponenciado o desenvolvimento urbano às mais variadas dimensões; ou um ‘*splintering urbanism*’ (na concepção de Graham e Marvin) com realocações forçadas de actores socioeconómicos com menor capital financeiro e informacional.
- Que papel para o planeamento urbano? Deverá apostar no *mix-use* ou na especialização? Em clusters espaciais bem definidos (multimédia, produção artística, bens culturais, marketing, moda e design, software, etc.) ou em espaços híbridos e intersticiais no normal (embora planeado) tecido urbano? Que tipos de proximidades e de influências, que tipos de diferenciações (quer nos âmbitos

espaciais, quer nos âmbitos sociais, quer nos âmbitos económicos e sectoriais) devem ser equacionados para potenciar as mais interessantes externalidades e sinergias urbanas? Que paisagens, que densidades, que apropriações e que ritmos para a cidade?

- Como articular a dicotomia nas lógicas de (percepção e) actuação sobre a criatividade, polarizadas entre as ‘Indústrias ou actividades Criativas’ ou a ‘Criatividade Urbana’? O racional mais evidente e com maior impacto é, evidentemente, o das ‘indústrias criativas’. Aqui, e como escreveu muito recentemente Evans (2009), parece existir uma relativa convergência e mesmo emulação de políticas no âmbito das indústrias criativas. Esta convergência, efectivamente, surge muito visível na nossa análise, no âmbito das 3 cidades e das estratégias dos seus respectivos actores urbanos. Uma convergência, de resto, em forte sedimentação face à crise económica actual e aos crescentes redireccionamentos das políticas de desenvolvimento, nas mais diversas escalas. Não obstante, constata-se igualmente que esta convergência e a respectiva consolidação de determinadas racionalidades políticas e administrativas, não deixa de “ser dirigida por meta-análises de crescimento de uma nova economia, sustentadas ainda, porém, por velhas lógicas e racionalidades de política económica e industrial” (Evans, p. 1003). Designadamente, face a grandes investidores ou agentes (normalmente do sector imobiliário, mas também de outros sectores, incluindo políticos) com poucas ou nulas conexões sócio-culturais com os *stakeholders* locais e com as suas redes de interrelacionamento e de estruturação de sinergias urbanas, importa discutir o efectivo impacto criativo dessas actuações nas economias locais e equacionar uma articulação efectiva com as dinâmicas mais *bottom-up*, que têm, no essencial, caracterizado as dinâmicas territorializadas assentes na criatividade mais bem sucedidas por todo o mundo (indelevelmente marcadas por uma aposta na especificidade e na autenticidade, que permitem a sua diferenciação e consequente afirmação em lógicas e processos de funcionamento globais).

Finalmente, uma terceira ideia que gostaríamos de destacar desde já relaciona-se com as questões da política, administração e governança. Inúmeras questões se levantam neste campo. Face a tudo o que foi visto, por onde “abrir” a actuação pública? Face às dúvidas e incertezas acima equacionadas, o que pode originar mais ‘divergências’ e menos consensos face aos objectivos das acções públicas? Estaremos perante visões

clássicas para processos que estão já para além da pós-modernidade? Perante uma gentrificação da própria criatividade? Afectando, desde logo, o direito à cidade? Ou, pelo contrário, ampliando-o e abrindo novas possibilidades de emancipação urbana? Que espaço existe para políticas alternativas? Face a ritmos distintos e a espaços políticos mais difusos, que adaptação será possível das pesadas estruturas institucionais e da racionalidade técnica e administrativa, num quadro de urgência de novos fluxos, apropriações e ritmos?

È todo este conjunto de questões que continuaremos a discutir e ao qual tentaremos ajudar a dar respostas. O prosseguimento dos estudos de caso acima referidos, realizados nestas 3 cidades, a par de outros desenvolvimentos conceptuais e empíricos, serão os próximos passos, perspectivando-se o aprofundamento destas reflexões analíticas. Tendo em conta a diversidade de estudos de caso e de situações escolhidas, e a consciência clara da não transferibilidade de situações e formas de actuação, procurar-se-á então entender quais as condições específicas que estruturam o desenvolvimento da criatividade nestas cidades e experiências concretas, equacionado os princípios estratégicos gerais e as formas de governança que melhor poderão potenciar a criatividade urbana.

## 8. Bibliografia

BODEN, M. (1990), *The Creative Mind: Myths and Mechanisms*: London, George Weidenfeld and Nicolson Ltd.

BORJA, J. e CASTELLS, M. (1997) *Local and Global – Management of Cities in the Information Age*, Earthscan Publications, Londres

CAMAGNI, R., MAILLAT, D., MATTEACCIOLLI, A. (Eds.) (2004), *Ressources naturelles et culturelles, milieux et développement local*. Neuchatel: EDES

CAVES, R. (2002), *Creative Industries: Contracts between Art and Commerce*, Cambridge/London: Harvard University Press.

CE/KEA (2006), *The Economy of Culture in Europe*, Brussels, CE-KEA

COSTA, P. (2008), “Creative Milieus, Gatekeepers and Cultural Production: Evidence from a Survey to Portuguese Artists”, *Review of Cultural Economics*, Vol. 11, Nº 1, June 2008, Korea Association for Cultural Economics, pp. 3-31.

COSTA, P., B. VASCONCELOS e G. SUGAHARA (2007), “O meio urbano e a génese da criatividade nas actividades culturais”, in “*Recriar e valorizar o território*”, *Actas do 13º congresso da APDR*, Açores, 5-7 Julho 2007; Coimbra: APDR

COSTA, P., MAGALHÃES, M., VASCONCELOS, B. and SUGAHARA, G. (2008) 'On 'creative cities' governance models: a comparative approach', *The Service Industries Journal*, 28:3, 393 - 413

CSIKSZENTMIHALYI, M. (1996) *Creativity: Flow and the psychology of discovery and invention* Harper Collins, Londres

EVANS, G. (2009) *Creative cities, creative spaces and urban policy* in *Urban Studies* 46, 1003-1040

FERRÃO, J. (2003) *Intervir na cidade: complexidade, visão e rumo* in Portas, N., Domingues, A., e Cabral, J. (coord.) *Políticas Urbanas – Tendências, estratégias e oportunidades*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

FLORIDA, R. (2000) *The rise of the creative class, and how it is transforming work, leisure, community and everyday life* Basic Books, Nova Iorque

GLAESER, E. (2004) *Review of Richard Florida's 'The rise of the creative class'* Harvard Papers

GODET, M. (1993) *Manual de prospectiva estratégica: da antecipação à acção*, Publicações D. Quixote, Lisboa

GUERRA, I., MOURA, D., SEIXAS, J. e FREITAS, M. J. (2006) *A Revitalização Urbana – Contributos para a definição de um conceito operativo* in *Cidades, Comunidades e Territórios*, Nº12-13, Centro de Estudos Territoriais, ISCTE

HALL, P. (2000) *Creative cities and economic development*, in *Urban Studies*, 37 (4), 639-649.

HEALEY, P. (2004) *Creativity and urban governance* , *DISP*, 158, 11-20

HELBRECHT, I (2004) *Bare geographies in knowledge societies. Creative cities as text and piece of art: two eyes, one vision* in *Built Environment*, 30 (3), 194-203.

HUTTON, T. (2009) *Trajectories of the new economy: Regeneration and dislocation in the inner city* in *Urban Studies* 46, 987-1001

JESSOP, B. (2002) *Liberalism, Neoliberalism, and Urban Governance* in Brenner, Neil e Theodore, Nik (ed.) (2002) *Spaces of neoliberalism. Urban restructuring in North America and Western Europe* Blackwell Publishers, Oxford

KUNZMANN, K (2004) *An Agenda for Creative Governance in City Regions*, *DISP*, 158, 5-10

LANDRY, C. (2003) *The creative city. A toolkit for urban innovators*, Earthscan, Londres

MARKUSEN, A. (2006), "Urban development and the Politics of a Creative Class: Evidence from the Study of Artists", *Environment and Planning A*, Vol. 38, No. 10:1921-1940. [266]

MUSTERD, S. (2006) *Segregation, Urban Space and the Resurgent City*, *Urban Studies*, 43 (8), 1325-1340

NESTA (2006), "Creating Growth - How the UK can develop world class creative business", London, NESTA Research Report

O'CONNOR, J., WYNNE, D. (ed.) (1996), *From the Margins to the Centre: Cultural production and consumption in the post-industrial city*, Aldershot: Arena

OECD (2005), “Culture and Local Development”, Paris: OECD

RATO, B.; MÜHLHAN, O., ROLDÃO, A. (2009): A typology of creative cities in the world - lessons learned, Paper presented to the UPE 8<sup>th</sup> International Symposium, March 23<sup>rd</sup>–26<sup>th</sup>, 2009, Kaiserslautern, Germany

SCOTT, A.J. (2006) *Creative cities – Conceptual issues and policy questions*, in *Journal of Urban Affairs*, 28 (1), 1-17.

SEIXAS, J. (2006) *A Reinvenção da Política na Cidade – Perspectivas para a Governação Urbana* in *Cidades, Comunidades e Territórios*, Nº12-13, Centro de Estudos Territoriais, ISCTE

SEIXAS, J. (2007) *Redes de Governança e de Capital Social* in *Cidades, Comunidades e Territórios*, Nº14, Centro de Estudos Territoriais, ISCTE

SEIXAS, J. (2008) *A Criatividade Urbana; Sua relação com a Qualificação, a Competitividade e a Vitalidade das Cidades; Sua relação com a Governança Urbana e a Política das cidades*. Documento de trabalho interno à equipa Creatcity, policopiado

STORPER, M. and MANVILLE, M. (2006) *Behaviour, preferences and cities: Urban theory and urban resurgence* in *Urban Studies*, 43 (8), 1247-1274

UNCTAD (2008), *Creative Economy*, Report 2008, Geneve, UNCTAD

## Anexo 1

### GUIÃO PARA AS ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

1. Estado-da-arte: Como se sente e onde se vê, hoje, a criatividade numa cidade? Em particular, na sua cidade-metrópole?
  2. Conceitos:
    - 2a. O que entende por Vitalidade Urbana?
    - 2b. O que entende por Criatividade Urbana?
    - 2c. O que entende por Competitividade Urbana?
  3. Condições estruturantes:
    - 3a. Sob que tipo de cidades / paisagens melhor poderá expandir-se e dar frutos a criatividade urbana?
    - 3b. Sob que ambientes sociais / ambientes culturais melhor poderá expandir-se e dar frutos a criatividade urbana?
    - 3c. Em que sectores económicos melhor poderá expandir-se e dar frutos a criatividade urbana?
4. Política: Por que formas socio-políticas e administrativas pode ser melhor apoiada e exponenciada a criatividade urbana?

5. Sugira 3 exemplos concretos de projectos/processos de criatividade urbana – que podem ser tanto em termos de projectos, como em termos de territórios (na sua cidade-metrópole) – exemplos cuja história, contornos e conteúdos sejam de tal modo ricos e demonstrativos, que mereçam ser analisados em detalhe por este projecto de investigação.